

PROCEDIMENTOS ENUNCIATIVOS EM “AS CREDENCIAIS”, DE *O SENHOR EMBAIXADOR**

Dagmar Vieira Nogueira Silva (PPGEL/UFMS)**

Resumo: O estudo e a análise do texto literário, sobretudo na concepção da semiótica discursiva, voltam-se também para a exploração do (des)envolvimento e a compreensão dos procedimentos enunciativos. Assim, a apropriação da língua, no ato de dizer, registrado como efetivação do comunicar-se, é algo que perpassa os estudos dos que se (pre)ocupam com o discurso e suas realizações, ou seja, os enunciados, analisando, desse modo, a significação, o(s) sentidos e a construção do(s) sujeito(s), contextualizado(s) no espaço e no tempo, responsáveis pelo ato discursivo. Por essa perspectiva, vinculada aos estudos da linguagem, e considerando a integração entre estudos linguísticos e literários, objetiva-se, neste estudo, à luz da teoria semiótica discursiva, compreender e interpretar os procedimentos enunciativos utilizados na composição discursiva da primeira parte de *O Senhor Embaixador* (1985 [1965]), de Erico Verissimo, intitulado como “As Credenciais”. Para tanto, examinam-se algumas marcas deixadas pela enunciação, presentes nessa primeira parte da obra. Como aporte teórico, utilizam-se as concepções de Benveniste (1976), Greimas (2002), Bertrand (2003), entre outros, acerca dos procedimentos enunciativos e as categorias de pessoa, tempo e espaço, observadas no nível discursivo do percurso gerativo do sentido, atrelando-as a questões figurativas e temáticas.

Palavras-chave: Discurso literário; Enunciação; Sentido.

* Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado na área de **Linguística e Semiótica**, no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na linha de pesquisa **Práticas e Objetos Semióticos**.

** Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). dagmarvns@hotmail.com.

PROCEDIMIENTOS ENUNCIATIVOS EN “AS CREDENCIAIS”, DE O SENHOR EMBAIXADOR

Resumen: El estudio y análisis del texto literario, especialmente en la concepción de la semiótica discursiva, también se centra en la exploración del (des)envolvimiento y la comprensión de los procedimientos enunciativos. Así, la apropiación del lenguaje, en el acto de decir, registrado como la eficacia de comunicar, es algo que permea los estudios de los que están (pre)preocupados por el discurso y sus logros, o sea, por los enunciados, analizando, así, el significado, el (los) sentido(s) y la construcción del (de los) sujeto (s), contextualizados en el espacio en el tiempo, responsables por el acto discursivo. Desde esta perspectiva, vinculada a los estudios del lenguaje, y considerando la integración entre estudios lingüísticos y literarios, el objetivo de este estudio, a la luz de la teoría semiótica discursiva, comprender y interpretar los procedimientos enunciativos utilizados en la composición discursiva de la primera parte del *El Señor Embajador* (1985 [1965]), de Erico Verissimo, intitulado “Las Credenciales”. Para ello, examinamos algunas huellas dejadas por la enunciación, presente en esta primera parte de la obra. Como aporte teórico, se utilizan los conceptos de Benveniste (1976), Greimas (2002), Bertrand (2003), entre otros semióticos, sobre los procedimientos enunciativos y las categorías de persona, tiempo y espacio, observados en el nivel discursivo del camino generativo del sentido, vinculándolos a cuestiones figurativas y temáticas.

Palabras clave: Discurso literario; Enunciación; Sentido.

Introdução

A semiótica, ciência das linguagens, oriunda de fontes linguísticas, antropológicas e filosóficas, convida o leitor a exercitar olhares mais atentos e cuidadosos aos textos, sejam eles verbais ou não verbais, sabendo que esse objeto de comunicação e significação é veículo de transmissão ou transformação dos conhecimentos de seus interlocutores.

Nesse sentido, torna-se importante, para estudiosos da linguagem, examinar e evidenciar as respostas que a ciência das signifi-

cações mostra, em razão de sua ótica sobre o objeto textual, que, por meio de códigos verbais, configura uma enunciação discursiva. Diante disso, e tendo como objeto de análise o texto literário, busca-se na semiótica discursiva, também reconhecida por francesa ou greimasiana, uma luz para o desvendamento do que o texto diz e como o faz para dizer o que diz.

Compreende-se, nessa linha de pensamento, que o estudo semiótico preocupa-se com os mecanismos que engendram e organizam o texto para a construção de seu(s) sentido(s), e, para tanto, orienta-se por um modelo de análise denominado como percurso gerativo de sentido, introduzido por Algirdas Julien Greimas, para examinar o texto em níveis distintos, considerando os aspectos semânticos e sintáticos, observando desde a camada mais profunda e abstrata do texto até a mais superficial e concreta, em que residem a projeção e a figurativização dos espaços, tempos e pessoas do discurso.

Denis Bertrand (2003, p. 11) expõe suas concepções a respeito da semiótica relacionada ao texto literário, afirmando que essa teoria “se interessa pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio das formas da linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam tornando-o comunicável e partilhável ainda que parcialmente”. Assim, ela estimula a construção dos sentidos mediante as relações sintático-semânticas que sustentam e organizam o texto. Mas, na prática, como isso acontece? Quais são os elementos e mecanismos que constroem a enunciação e são responsáveis pela produção do(s) sentido(s)?

Essas e outras questões, voltadas aos procedimentos enunciativos do texto, serão discutidas neste estudo, tendo como guia conhecimentos relacionados às concepções de enunciação e enunciado. Para tanto, observam-se estudos de alguns autores, especialmente, os conceitos assinalados por Émile Benveniste, as asserções de Denis

Bertrand, os postulados de Diana Luz Pessoa de Barros e as discussões propostas por José Luiz Fiorin, considerando, assim, um conjunto de conceitos que envolvem a semiótica discursiva e, mais atentamente, o sistema dêitico da língua manifestado no discurso. Como recorte literário, escolhe-se “As Credenciais”, primeira parte do livro *O Senhor Embaixador* (1985 [1965]), de Erico Verissimo, ganhador do Prêmio Jabuti em 1966. Um romance escrito durante o período do regime militar no Brasil, que compõe o conjunto de produções políticas do autor cruz-altense, juntamente com *O prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971).

Nesse romance, Erico Verissimo expõe os males do autoritarismo, as desumanidades cometidas pelos homens no poder e as mazelas presentes em vários contextos sociais, utilizando os recursos de linguagem no âmbito do permitido pela censura da época. Assim, o autor vale-se da criação de pessoas, lugares e tempos imaginários, tematizados e figurativizados com características similares a de pessoas, lugares e tempos históricos para construir a narrativa. Esse autor consegue, por meio da linguagem literária, com destaque para os procedimentos enunciativos, vasta gama de personagens, épocas e espaços fictícios, instigar o pensar e propor reflexões e discussões que evidenciam problemas e sentimentos recorrentes na humanidade como, por exemplo, a corrupção e a ambição.

A literatura, assim, é reconhecida em seu valor sociocultural e “vista como lugar privilegiado para a investigação a respeito do universo de sentidos nos quais, cotidianamente, os indivíduos se veem imersos” (MARTINS, 2017, p. 97), reafirmando-se, no caso deste estudo, a importância do gênero romance na formação cultural, intelectual e política, assim como uma ferramenta de combate à alienação e à ignorância de todos que dele se nutrem.

Alguns apontamentos teóricos sobre a enunciação

As ciências, sejam elas quais forem, têm limites e fronteiras e, muitas vezes, se deparam com situações em que uma única concepção ou conceito não consegue definir o estatuto de um fenômeno; nos estudos da linguagem, é o caso, por exemplo, da enunciação. Ainda assim, buscam-se, em fontes adequadas, elementos que possam esclarecer a compreensão do que se deseja dentro do universo científico. Desse modo, para se compreender o conceito de enunciação, recorre-se, primeiramente, ao Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 145- 146), que traz as seguintes acepções: “como estrutura não-linguística (referencial) que subtende à comunicação linguística” e “como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)”. Além disso, desdobram-se as explicações que as interpretam particularmente:

De acordo com a primeira acepção, o conceito de enunciação tenderá aproximar-se do ato de linguagem, considerado sempre na sua singularidade; de acordo com a segunda, a enunciação é concebida como um componente autônomo da teoria da linguagem, como uma instância que possibilita a passagem entre a competência e a *performance* (linguísticas); entre as estruturas semióticas virtuais, de cuja atualização ela deve encarregar-se, e as estruturas realizadas sob forma de discurso. (grifo dos autores) (p. 146)

Inegavelmente, as duas concepções de enunciação, apresentadas pelos autores, estabelecem correlações com o que se compreende por esse ato do dizer, sendo que a primeira definição mantém, segundo Greimas e Courtès, uma aproximação maior com o conceito traçado por Benveniste, que a definiu como a:

colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização [...] O ato individual pelo qual se

utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p. 82-84)

E é esse ato que se torna o objeto de estudo dos que se pre(ocupam) com o uso da língua por um sujeito, no tempo e espaço. Um acontecimento analisável, conforme os estudos semióticos, no nível discursivo, ou seja, por meio das estruturas superficiais em que se percebe o ato individual do uso da língua por um sujeito.

Ademais, considerando a importância de pesquisas e teorias já consagradas sobre estudos linguísticos e semióticos, lembra-se de que o legado de linguistas como Ferdinand Saussure, responsável pela autonomia da Linguística enquanto ciência, bem como as noções e conceitos semióticos desenvolvidos por Greimas, são amplos e consistentes para aprofundar os conhecimentos sobre essa instância de mediação entre língua e fala, simplificada como o ato de dizer, e também seu produto, o dito, sinônimo de enunciado.

Por essa perspectiva, compreende-se que as pesquisas sobre as instâncias da enunciação e enunciado, envolvendo suas projeções e as categorias de pessoa, espaço e tempo, são, dentro dos conceitos semióticos discursivos, um aprofundamento das concepções greimasianas, que estabelecem um modelo de análise textual, o percurso gerativo do sentido. Tal percurso, nas palavras de Barros, é descrito, de maneira resumida, da seguinte forma:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática

autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;

c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;

d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;

e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 1990, p. 11)

Além da descrição do modelo de análise proposto por Greimas, salientado de modo sucinto, e de outras concepções sobre a semiótica greimasiana, a autora acrescenta, nas últimas páginas do livro *Teoria Semiótica do Texto* (1999), um “Vocabulário Crítico” sobre os conceitos que norteiam os princípios abarcados pela teoria semiótica do texto. Assim, descreve, em quase setenta acepções, várias interpretações conceituais das terminologias semióticas, dentre as quais, salientam-se as que essa autora atribui à enunciação e ao enunciado, requisitadas para este estudo:

Enunciação: é a instância de mediação entre as estruturas narrativas e discursivas que, pressuposta no discurso, pode ser reconstruída a partir das pistas que nele espalha; é também mediadora entre o discurso e o contexto sócio-histórico e, nesse caso, deixa-se apreender graças às relações intertextuais.

Enunciado: é o objeto-textual resultante de uma enunciação. (BARROS, 1990, p. 86)

De modo menos detalhado que a descrição presente no *Dicionário de Semiótica* (1979), essa semioticista expõe uma compreensão do que

entende por enunciação e enunciado, discutidos e explorados no interior dessa mesma obra, vinculados a exemplos de textos jornalísticos e/ou literários. Assim, ela esclarece as funções do sujeito da enunciação, responsável, também, pelas escolhas temático-figurativas de tempo, espaço, pessoas e figuras percebidas na camada superficial do discurso, e que, conforme a autora, “marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia” (BARROS, 1999, p 53), influenciando a produção do(s) sentido(s).

Dessa forma, ao analisar o objeto discursivo, observam-se os elementos, anteriormente, verificados no nível narrativo, agora no nível discursivo, acompanhados pelas projeções da enunciação no enunciado e com elas as formas de persuadir, usadas pelo enunciador, para conduzir o olhar do enunciatário e convencê-lo da(s) verdade(s) articuladas no texto. A enunciação é, então, estabelecida por meio de dois mecanismos correlatos, a *debreagem* e a *embreagem*, sendo a *debreagem* uma operação enunciativa em que o “sujeito da fala projeta ‘para fora de si’ as categorias semânticas do /não eu/, /não aqui/ e /não agora/” (Bertrand, 2003, p. 417). Tal projeção do sujeito pode acontecer de dois modos, produzindo efeitos de aproximação e subjetividade, ou de distanciamento e objetividade.

Os efeitos de aproximação e subjetividade são obtidos na projeção do “eu”, no espaço do “aqui” e no tempo do “agora”, decorrentes da operação denominada *debreagem* enunciativa. Na prática, percebe-se essa operação através de elementos da linguagem como pronomes, verbos e dêiticos que localizam o sujeito no tempo e no espaço. Já os efeitos de distanciamento e objetividade são alcançados por meio da operação de *embreagem* enunciativa, em que se projeta para fora do sujeito o “ele”, no espaço do “lá” e no tempo do “então”, percebido no discurso por meio do uso da terceira pessoa. Esse tipo de procedimento enunciativo é observado, normalmente, em textos

jornalísticos que buscam demonstrar imparcialidade¹ na veiculação da notícia.

Cabe ainda esclarecer que a operação denominada como embreagem se revela como o retorno da enunciação ao sujeito da fala. Ela presume a anterior, a debreagem, e ambas, embreagem e debreagem, alternam-se na produção do discurso, percebidas na variação de:

seus registros e seus modos de sucessão: o enunciador instala, por exemplo, uma personagem, que ele coloca num universo ao mesmo tempo espacial, temporal e actorial (debreagem), ele a faz falar (embreagem interna), introduz em seu discurso outras personagens (debreagem de segundo grau), que por sua vez podem tomar a palavra (embreagem de segundo grau), etc. Percebemos, então, a arquitetura enunciativa do discurso que se põe em ação. (BERTRAND, 2003, p. 94).

Essas projeções da enunciação perfazem relevantes fundamentos da atividade discursiva e evidenciam o modo pelo qual o sujeito da enunciação constrói o discurso a fim de atingir seu objetivo, considerando todas as suas responsabilidades dentro da estruturação semântica e sintática do texto.

José Luís Fiorin, semiótico contemporâneo, em sua obra *As astúcias da Enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo* (1999), pondera sobre os fundamentos da atividade discursiva. Seu empenho teórico investigativo, sustentado por inúmeros conceitos que governam o uso da linguagem e vasto leque de excertos literários, procura revelar os procedimentos da enunciação enunciada, remetendo-os à instância das projeções do “eu” no discurso. Assim, o autor assinala que essas projeções são percebidas, hierarquicamente,

¹ Segundo Barros: “Há uma certa tradição de ‘objetividade’ no jornalismo, ou seja, de manter a enunciação afastada do discurso, como garantia de sua imparcialidade” (1999, p. 55).

em três níveis. O primeiro envolvendo o enunciador *vs* enunciatário; o segundo, o narrador *vs* narratário; e, por fim, o que se refere ao interlocutor *vs* interlocutário. Em cada um deles, há um “eu” *vs* um “tu”, sendo o primeiro correspondente ao autor e leitor implícitos. Estes são percebidos:

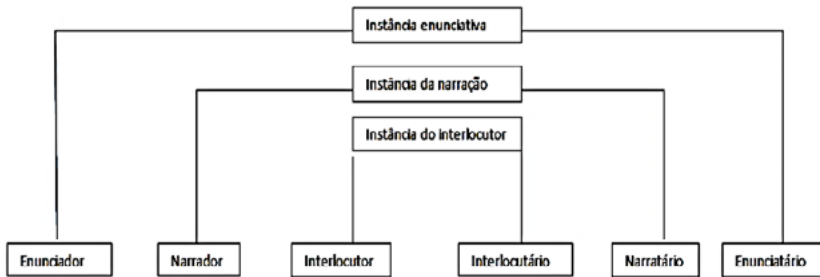
na cadeia recursiva do ‘eu digo que digo que digo, etc.’, e permanece, em si mesmo, inacessível. Ele só se manifesta pelos simulacros linguísticos de enunciações enunciadas precedentes (digo, penso, me parece, etc.) que dependerão dos critérios de análise que permitem apreendê-las. (BERTRAND, 2003, p. 83)

Esse sujeito do discurso é considerado inacessível, como uma “instância em construção, sempre parcial, incompleta e transformável, que aprendemos a partir dos fragmentos do discurso realizado” (*ibid.*, p. 83). Já a instância do narrador é percebida no texto. É o narrador que dá voz aos atores quando eles dialogam por intermédio de discursos diretos, “resultado de uma debreagem interna (em geral, de segundo grau) em que o narrador delega voz a um actante do enunciado” (FIORIN, 1999, p. 72). Este, por sua vez, já se entende como interlocutor (e interlocutário), conforme o terceiro nível enunciativo, e pode ser introduzido no texto por marcas como dois pontos, aspas ou travessão, sinais gráficos que antecedem e/ou envolvem o enunciado.

Além disso, Fiorin adverte que não se devem confundir os actantes da enunciação e do enunciado. O primeiro refere-se ao enunciador e ao enunciatário; o segundo refere-se aos atores do enunciado, sendo que a “actorialização é um dos componentes da discursivização e constitui-se por operações combinadas que se dão tanto no componente sintáxico quanto no semântico do discurso” (FIORIN, 1999, p. 59). Os actantes da enunciação e do enunciado pertencem a instâncias distintas.

De modo ilustrativo, Fiorin (1999) faz referência ao organograma dos esquemas dos níveis enunciativos, de Barros, evidenciando os níveis e as respectivas denominações das projeções do "eu" e do "tu" no enunciado, considerando os níveis que envolvem autor e leitor de papel, narrador e narratário e interlocutor e interlocutário:

Figura 01 – Quadro representativo dos níveis enunciativos



Fonte: Fiorin (1999, p. 69 em menção a Barros, 1988, p. 75)

As diferentes instâncias, com suas distintas projeções, permitem que não se façam confusões relacionadas, também, aos efeitos de subjetividade e objetividade. Dessa forma, retoma-se o conceito de subjetividade, afirmado por Benveniste (1976, p. 286), ao considerar os sujeitos implicados nos processos de textualização e, desse modo, percebe-se:

a capacidade do locutor para se propor como "sujeito". Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora, essa 'subjetividade', quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como

quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É 'ego' que diz ego. Encontramos aí o fundamento da 'subjetividade' que se determina pelo *status* lingüístico da 'pessoa'.

A projeção do sujeito no texto, "É 'ego' que diz ego", reconhecida por Benveniste, introduz outras percepções sobre as projeções enunciativas no discurso. Fiorin (1999), diante dessa concepção benvenistiana sobre as projeções do sujeito, aborda os vários tipos e subtipos que as categorias de pessoa, espaço e tempo se constituem no discurso. Segundo o autor, a pessoa é uma referência para a sistematização do tempo e do espaço; sendo assim, ela é que domina e sistematiza o tempo e o espaço, duas categorias também exploradas em seus tipos e subtipos pelo citado autor, em *As astúcias da Enunciação* (1999).

Com relação à categoria temporal, lembra-se, com Benveniste, que das "formas linguísticas reveladoras da experiência subjetiva, nenhuma é tão rica quanto aquelas que exprimem o tempo" (1989, p. 70). Mensurado, muitas vezes, a partir das ações dos personagens, o tempo é um elemento textual que, comumente, é percebido nas narrativas no nível cronológico ou psicológico, porém, o elemento temporal pode ainda ser analisado no nível lingüístico, que está diretamente ligado ao discurso e ao momento da fala por seu enunciador.

O tempo cronológico é o tempo dos acontecimentos. Ele corre de forma linear e difere do tempo psicológico ou das experiências, marcado pela subjetividade, observado a partir da "permanente descoincidência com medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos" (NUNES, 1995, p. 18), um tempo que os sentimentos de euforia ou disforia parecem não conseguir mensurar.

Se o texto é de caráter narrativo, essa junção de tempo e enunciação se efetua por meio dos atores, na etapa discursiva. Assim, considera-se o tempo linguístico como reconhecidamente o tempo do discurso, concretizado pelo enunciador. As marcas temporais como "hoje", "ontem", "de manhã" presentes no discurso organizam e interligam as coordenadas do tempo linguístico, percebendo-se o tempo de quem enuncia, mas que não é necessariamente o mesmo tempo de quem o recebe pelo enunciado.

Outra questão importante relacionada aos conceitos de enunciação, aclaradas por Bertrand, diz respeito às posições enunciativas em suas diferentes focalizações, observadas de três formas:

A 'Focalização zero' (é o caso do narrador onisciente que controla o conjunto da cena narrativa, sabe mais que suas personagens e entra em sua interioridade), a 'focalização interna' (quando o narrador se esconde atrás de suas personagens, delega-lhe a assunção da narrativa e não sabe mais do que elas) e a 'focalização externa' (quando o narrador se instala fora da narrativa e só revela o que essa posição externa autoriza). (BERTRAND, 2003, p. 113)

À luz dessas concepções, compreende-se que essas posições enunciativas estão intrinsecamente ligadas à presença do narrador na estruturação da narrativa, podendo este aproximar-se mais de um ou outro personagem, dependendo da focalização adotada. Como personagem, está limitado ao contexto em que atua. Como observador, o limite amplia-se conforme o número de personagens nos respectivos tempos e espaços, e como onisciente não há limites físicos e/ou psicológicos.

Toda essa gama de conceitos semióticos (e discursivos) evidencia a complexidade e profundidade alcançada no empenho de se compreender a produção do(s) sentido(s) dentro do discurso, observando as diferentes óticas em que são projetados os sujeitos, no tempo e

no espaço, o que influencia sobremaneira a interpretação e a compreensão do enunciado. Afinal, como afirma Bertrand (2003, p. 159): “Ver não é apenas identificar objetos do mundo, é simultaneamente apreender relações entre tais objetos, para construir significações”. Assim, as inferências são construídas, levando em conta uma sequência de relações que permitem desnudar o texto, ampliando o olhar do enunciatário sobre o(s) discurso(s) que lhes são apresentados.

A atividade enunciativa em “As Credenciais”

Amparados nas concepções trazidas pelos autores citados no item anterior, observam-se os procedimentos enunciativos na parte inicial do romance *O Senhor Embaixador* (1965), de Erico Verissimo, e, desse modo, apresentam-se alguns recortes do romance verissiano, em meio a retomadas teóricas, para explicar sobre as projeções e mecanismos utilizados nos discursos que constituem a obra.

Ao intitular como “As Credenciais” a primeira parte de sua obra, *O Senhor Embaixador* (1985 [1965]), já se anuncia certa intencionalidade de um despertar para a temática que será abordada no decorrer do capítulo que inaugura o romance. Assim, tomam-se os significados da palavra ‘credenciais’, advinda do verbo credenciar, assinalados por Antônio Houaiss (2009) nas seguintes acepções: “1. dar credencial a [...]; 2. tornar (-se) apto (para função, atividade etc.); 3. habilitar (-se)” (p. 199). Desse modo, já considerando uma análise semântica e um olhar menos ingênuo sobre o texto, o enunciatário percebe e começa a construir alguns sentidos a serem confirmados no decorrer das 118 páginas que a configuram essa parte da obra.

No desenrolar da narrativa que se inicia com uma comemoração em homenagem ao ator figurativizado como jornalista William Bill Godkin, no Press Club, por seu tempo de serviço prestado à

“Amalgamated Press”, outros elementos, relacionados às categorias do nível discursivo, são apresentados ao enunciatário, justificando ou mantendo a coerência vinculada ao título.

Na ocasião da homenagem, esse ator, que atuará como uma espécie de fio condutor da narrativa, após receber alguns presentes de seus colegas de trabalho, é convidado a discursar. Uma das primeiras manifestações da enunciação se configura na presença do narrador que é instalado no texto por meio da debreagem de primeiro grau por um enunciador pressuposto. O narrador, então, delega voz ao ator, o jornalista Godkin, fazendo uso da operação de debreagem de segundo grau. Esse ator discursa e faz uso de metáforas e ironias para falar de “sentimentos que preferia manter secretos” (VERISSIMO, 1985, p. 13), dentre eles, certa descrença com o jornalismo mal intencionado, que produz ou manipula notícias, fatos e opiniões, atualmente reconhecidos na expressão *Fake News*, produções cuja intenção é manter o enunciatário distante da realidade dos acontecimentos.

A construção figurativa desse ator dentro da narrativa é densa, tanto em seus aspectos sociais, percebidos na ordem do segundo nível da hierarquia enunciativa, quando assume o papel de actante da enunciação, como também quando é projetado como interlocutor, conforme o terceiro nível da hierarquia enunciativa, sendo assim, um actante do enunciado. Desse modo, investido como interlocutor traz para a trama situações provocativas, cuja verossimilhança conduz à reflexão dos enunciatários. Constata-se uma dessas situações quando Godkin assume o papel de interlocutor e pondera sobre a palavra “fato”, afirmando tratar-se de:

uma espécie de *iceberg*, quero dizer, uma coisa cuja parte visível corresponde apenas a um décimo de seu todo? Porque a parte invisível do *fato* está submersa nas águas dum torvo oceano de interesses políticos e econômicos, egoísmos e apetites nacionais e individuais, isso para não

falar nos outros motivos e mistérios da natureza humana, mais profundos que os do mar. (VERISSIMO, 1985, p. 14)

Na sequência desse episódio que inaugura o primeiro capítulo, vários atores são trazidos à baila, compondo a narrativa, evidenciando o modo de focalização enunciativa e/ou os procedimentos da enunciação. Os primeiros atores são instalados na trama a partir do jornalista. É o caso dos companheiros de trabalho que o homenagearam, de Miss Kay, secretária da Embaixada, seus amigos Pablo Ortega, primeiro-secretário da Embaixada da República do Sacramento e o diplomata Orlando Gonzada, e também, de Ruth, sua falecida mulher que é inserida na trama, exemplificando o conceito de focalização zero assinalado por Bertrand. Em várias passagens, Godkin lembra-se dela e de seus conselhos: “A imagem de Ruth, acompanhada do fantasma de sua voz, despontou-lhe na mente: ‘Meu bem, nunca atravesse a rua sem primeiro olhar para os dois lados, sim?’ (VERISSIMO, 1985, p. 16-17).

Vale destacar que, dentre os atores figurativizados por nomes e ocupações, há alguns secundários, como os colegas de trabalho que o convidaram a discursar, e o homossexual que o abordou, após sair do Press Club. Esses atores não recebem investimentos figurativos que os identifiquem por nomes próprios, porém, no caso do homossexual, tal figurativização produz efeitos de sentido, recobrando temas relacionados à oposição semântica da alteridade *vs* identidade, uma temática recorrente na narrativa.

O espaço que, em um primeiro momento, se configura como fechado, oprimido nos sentimentos do jornalista, desgostoso com situação que lhe obrigou a discursar dentro do clube, no contexto seguinte, é figurativizado como espaço de liberdade, lugar em que o jornalista dá vazão às suas lembranças e sentimentos relacionados à sua mulher Ruth e à contemplação da natureza, obra divina, que dava seu primeiro ar primaveril.

Em outro momento da narrativa, percebe-se novamente a focalização zero, quando o narrador enuncia que “Godkin esteve a pique de confessar que, de mistura com tarefas jornalísticas, fizera ‘uns servicinhos especiais’ para o F. B. I., mas achou de melhor aviso guardar o segredo” (VERISSIMO, 1985, p. 30- 31). Posteriormente, esse narrador onisciente delega voz ao ator Godkin que, no papel de interlocutor, dialoga com seu interlocutário Orlando Gonzaga. Em meio a esse diálogo, descreve aquele que figurará como o ator principal do romance, Don Gabriel Heliodoro Alvarado:

Don Gabriel Heliodoro Alvarado? Claro que conheço. A primeira vez que o vi, ele estava ao lado de Juventino Carrera, na Sierra de la Calavera. Era um de seus mais jovens e valorosos companheiros. Teria no máximo vinte e um anos. . .

— Que tipo de homem é ele?

— Fisicamente? Um metro e noventa de altura, mais ou menos...

Uma face acobreada cujos traços lembram um pouco certas esculturas maias. Olhos vivos, escuros, dotados duma perigosa força hipnótica. De todos os homens que conheci na cordilheira ao lado de Carrera, a fisionomia que mais fundo me ficou gravada na memória foi a desse Gabriel Heliodoro. O sobrenome que usa é adotado, mas senta-lhe bem. (VERISSIMO, 1985, p. 31- 32)

A alternância de operações de debreagem são constantes em toda a narrativa, exemplificando as observações feitas por Bertrand sobre essas variações, segundo ele, próprias da arquitetura enunciativa do discurso posto em funcionamento. Assim, os procedimentos de debreagem enunciva são percebidos em vários momentos da narrativa, em que um actante do nível narrativo, projetado como ator no nível discursivo, desempenha, nesse nível, o papel de interlocutor.

Como já se abordou, a categoria de pessoa predomina sobre o tempo e o espaço; assim, estes são observados, muitas vezes, em meio aos diálogos dos atores. É o que se observa a seguir, no excerto que reproduz a conversa entre os interlocutores Michel Michel e Gabriel Heliodoro Alvarado:

– Bom dia, senhor Embaixador. São oito da manhã, a hora em que Vossa Excelência me pediu para despertá-lo. [...]

– Como é mesmo o seu nome?

– Michel Michel.

– Por que duas vezes Michel? Não bastava uma?

(VERISSIMO, 1985, p. 38)

Reafirma-se que essa junção de tempo e enunciação se efetua por meio dos atores. O tempo, nesse sentido, mostra não o momento da enunciação, mas aquele que cria a ilusão dele, considerando um sistema representado pelas formas verbais e pelos elementos gramaticais que também desempenham esse papel, como exemplificado pela locução adverbial “oito horas da manhã”, uma marcação cronológica configurada pelo tempo linguístico.

Na sequência da narrativa, o narrador traz à baila dois outros atores, a amante e a mulher de Don Gabriel, Rosalia e Francisquita, respectivamente, figurativizando-as com adjetivos positivos e negativos, evidenciando a relação confusa que Gabriel mantém com ambas:

Rosalía ficara sem dúvida linda, toda nua, no leito napoleônico, mas ambos acabaram fazendo amor em cima do tapete de pele de urso branco. [...]

Ficou a pensar em Francisquita. Nem na casa dos vinte sua mulher tivera mocidade, graça ou beleza. Católica praticante, afilhada do Arcebispo, estava convencida de que Deus inventara o ato sexual apenas com a finalidade de garantir a propagação da espécie humana, e que, portanto

era um pecado a gente tirar qualquer prazer físico da união carnal. (VERISSIMO, 1985, p. 35- 37)

No quarto e quinto capítulos, Miss Clare Ogilvy, "Verdadeiro manual vivo de conhecimentos enciclopédicos" (*Ibid*, p. 46), enuncia como interlocutor, todo um relatório descritivo, com base em suas notas de um "fichário mental" (*Ibid*, p. 50), primeiramente, do espaço, onde foi construída a embaixada, e depois, da maioria dos atores da narrativa, começando pelos embaixadores que passaram por Washington, antecessores de Don Gabriel, seguidos de boa parte dos demais personagens da narrativa.

Nesse contexto, vale relembrar a construção do sentido estabelecida já no título dessa primeira parte do romance, que, correlacionada aos significados do verbo *credenciar*, confirma o teor do conjunto de descrições narrativas efetuadas pela secretária Ogilvy. Esta, posteriormente, recebe outros investimentos figurativos assinalados pelo narrador onisciente, considerando sua importância e função dentro da narrativa:

a figura mais importante da representação sacramentenha em Washington não era nunca o embaixador, fosse ele quem fosse, mas sim a cidadã americana Miss Clare Ogilvy, funcionária contratada. [...] Nunca ninguém conseguiu descobrir um título capaz de abranger descritivamente suas múltiplas atribuições. Porque a americana combinava as funções de secretária particular do embaixador com as de tradutora de documentos, ofícios e cartas do espanhol para o inglês e vice-versa [...] (VERISSIMO, 1985, p. 45- 46)

De fato, Miss Ogilvy exerce uma função na narrativa que poderia ser comparada a uma espécie de sinônimo do título dessa primeira parte do romance, pois ela enuncia, como interlocutor, boa parte dos atores que compõem a narrativa com descrições objetivas. O interlocutário, predominantemente, no quarto e quinto capítulos, confere as

credenciais de Miss Potomac; do segundo-secretário Ernesto Villalba; do General Hugo Ugarte e de sua mulher, Ninfa Ugarte; de Pancho Vivanco e Rosalia; do Dr. Jorge Molina, Ministro conselheiro do embaixador; da datilógrafa Mercedes Batista; de Pablo Ortega; de Miss Kimiko Hirota; de Leonardo Griss; e do Embaixador Gabriel Heliodoro Alvarado, cuja figurativização já se iniciara pelo discurso do jornalista Godkin, em momento anterior.

Os capítulos seguintes, sexto ao décimo primeiro, trazem os espaços e contextos em que figuram esses atores, envoltos em suas tramas narrativas, considerando suas respectivas construções físicas e psicológicas, seus sentimentos e relações pessoais, amorosas e familiares.

As inserções espaciais, desde o começo da obra, são projetadas, em sua maioria, contrapondo o sentido de opressão *vs* liberdade, considerando, desse modo, observações semânticas percebidas nas construções temático-figurativas dos atores espaços e tempo. Um exemplo da projeção do espaço no enunciado pode ser observado no diálogo entre os interlocutários Bill Godkin e Miss Kay, que decorre logo após a homenagem recebida pelo jornalista no Press Club, quando este volta ao escritório da Amalpress e diz à secretária:

— Acabo de fazer uma grande descoberta. . . — resmungou o jornalista, enquanto vestia o sobretudo e apanhava o chapéu.

— Sim, Mr. Godkin?

— A coisa mais importante de Washington não é a Casa Branca.

Nem o Departamento de Estado. Nem o do Tesouro. Nem o F. B. I. Nem a Smithsonian Institution.

Com o rosto impassível, a secretária esperava, perfilada. Junto da porta, Bill terminou o pensamento: — São as

cerejeiras do Potomac na primeira semana de abril! Se os jornais não mentem, elas devem estar hoje completamente cobertas de flores. (VERISSIMO, 1985, p. 15)

Os cinco lugares aludidos por Godkin são espaços de opressão, considerando suas estruturas físicas, fechadas ou delimitadas por paredes, contrapondo-se ao "Potomac", onde se localizam as cerejeiras, espaço de liberdade, aberto, onde Bill, referenciando o tempo por meio da chegada da primavera, dá vazão às lembranças de sua falecida esposa, em meio a reflexões de contemplação da criação divina e dos mistérios envoltos a ela: "Aposto como Deus hoje encarregou Fra Angelico de pintar o céu. Porque só ele conhece o segredo desse puro azul" (VERISSIMO, 1985, p. 16).

A organização discursiva em "As Credenciais", com sua estrutura sintático-semântica, compreende inúmeros procedimentos enunciativos, de que caberiam exames mais detalhados, amparados pelo amplo leque de concepções que nutrem a semiótica discursiva. Contudo, dadas as limitações espaciais deste estudo, é preciso fazer algumas elaborações que resultaram da breve análise apresentada, razão pela qual seguem as palavras finais.

Palavras finais

Examinar procedimentos enunciativos em uma obra constitui um exercício intenso e minucioso de percepções dos elementos que estruturam e organizam o texto, tanto em sua composição sintática quanto semântica, em que uma não exclui a outra, mas se complementam.

Nesse sentido, os conceitos trazidos pela Linguística e, por conseguinte, pela semiótica discursiva, oriundos de estudos de distintos autores, contribuem para uma análise textual, que considera os dife-

rentes níveis da instância enunciativa, para o exame das categorias de pessoa, espaço e tempo no discurso. Dessa forma, examinam-se os elementos e mecanismos utilizados pela enunciação para compreender os efeitos de sentidos alcançados por tais recursos com objetivo de convencer o enunciatário do texto.

Em meio a essas análises, observam-se as diferenças entre sujeito da enunciação e sujeito da enunciação enunciada, distinguindo as instâncias a que cada um pertence, conscientes de que autor e leitor reais são sujeitos do mundo, não do texto. No texto, há um simulacro dos sujeitos que, por meio de procedimentos enunciativos específicos, são inseridos como enunciadores e enunciatários, narradores e narratários e/ou interlocutores e interlocutários.

Dessa forma, a leitura semiótica de textos literários (ou não) envolve dimensões interpretativas que (des)envolvem olhares menos inocentes sobre o(s) discurso(s) projetado(s) no objeto textual. Isso porque se percebem nas posições e projeções enunciativas mecanismos que conduzem a interpretação e compreensão do enunciatário do texto.

A instância da enunciação envolve, desse modo, diferentes sujeitos, de modo implícito ou explícito, por meio de marcas e projeções de tempo, pessoa e espaços, tematizadas e figurativizadas, constroem sentido(s).

Em “As Credenciais”, o narrador constrói a narrativa em terceira pessoa, fazendo, predominantemente, o uso de debreagem enunciativa para inserir o sujeito no tempo do “então” e no espaço do “lá”, o que produz efeitos de distanciamento e objetividade na enunciação enunciada. Assim, na primeira parte do romance *O Senhor Embaixador* (1965), de Erico Verissimo, há inúmeras projeções de sujeitos, espaços e tempos, figurativizados, recobrando temas relacionados às oposições semânticas como alteridade *vs* identidade, vida *vs* morte, opressão *vs* liberdade, dentre outras.

Dessa forma, os procedimentos enunciativos na primeira parte do romance envolvem os sujeitos delegados do enunciador e do enunciatário, o narrador e o narratário, e também o interlocutor e o interlocutário, que estabelecem múltiplos diálogos no âmbito do discurso. Assim, a narrativa vai se construindo e produzindo sentido(s).

Importa dizer que as observações resultantes das análises assinaladas neste estudo, ainda que de forma breve e preliminar, buscaram examinar o texto verissiano, em suas estruturas semânticas e sintáticas, com base na semiótica discursiva, em especial, considerando o terceiro nível do percurso gerativo do sentido, visando a analisar os procedimentos utilizados pela enunciação em escolhas feitas pelo sujeito enunciador, de pessoa, tempo e espaço, para organizar, de forma coerente, a construção sintático-semântica do texto. Contudo, compreende-se que outras possibilidades de análises desse *corpus* podem ser consideradas, respaldadas pelas explicações teóricas metodológicas que a amplitude da teoria semiótica discursiva fornece.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional Editora, 1976.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: Editora Edusc, 2003.
- FIORIN, José Luís. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1999.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Cultrix, 1979.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Houaiss eletrônico. Versão monousuário 1.0. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2009.

MARTINS, Geraldo Vicente. O último Greimas e o elogio da literatura. **Estudos Semióticos** [on-line], São Paulo, v. 13, n. 2 (edição especial), p. 96-101 2017. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

VERISSIMO, Erico. **O Senhor Embaixador**. São Paulo: Abril Cultural, 1985 [1965].